

Austregésilo de Athayde, benfeitor da Academia

EVARISTO DE MORAES FILHO

Este breve discurso é um testemunho e um reconhecimento. Hoje é um dia de justiça e de gratidão, devidas pelas gerações atuais de Acadêmicos, por si mesmas e, principalmente, pelas que hão de passar por esta Casa. O homem que fez por merecê-las chamou-se em vida, por extenso, **Berlamarino Maria Austregésilo Augusto de Athayde**. Por sua ação, como que houve um divisor de águas entre os séculos XX e XXI. Foi ele quem o construiu, criando condições de completa independência econômica e financeira da instituição que presidiu por 34 anos consecutivos.

Era de ver a emoção que o possuía a cada eleição de fim de ano. Parecia que corria riscos, quando era ele próprio o candidato único. O ambiente ficava solene, como se nele se realizasse uma grave cerimônia. A sua emoção, porém, era sincera, percebida por todos, seus amigos e eleitores. Apurado o resultado, alguém, gritava do fundo da sala: "que surpresa!", todos iam então, abraçá-lo, já agora recebidos por um largo sorriso.

Como se trata de um testemunho, farei minhas algumas palavras de confrades nossos proferidas ou escritas quando do seu falecimento: a nota constante é a sua identificação com a Academia, o seu amor, a sua dedicação, a sua paixão pela Casa que presidia. Disse Barbosa Lima Sobrinho o decano de todos nós: "É difícil falar de Austregésilo na Academia Brasileira, porque ele se dedicou de tal maneira a todos os interesses da Academia, que ele, por assim dizer, tinha mais empenho em desenvolver o patrimônio da Academia do que desenvolver o seu próprio patrimônio"... "Ele podia dizer que tinha uma alegria maior em fazer crescer esse patrimônio do que ter tido se estivesse registrando a expansão do seu próprio patrimônio. O seu amor à Academia era tão grande e tão atuante, que ele, já não mais em condições de se levantar do que seria o seu leito mortuário, fazia questão de vir à Academia, e foi preciso que os médicos do hospital o dopassem para evitar que ele fizesse um esforço final para cumprir o seu dever, comparecendo a uma das sessões de quinta-feira."

Em artigo de 25 de setembro, escrevia o vice-decano **Josué Montello**: "Com a regularidade do sol no horizonte, a cena se repetia, todas as quintas-feiras, à mesma hora. À tarde, às três horas, Austregésilo de Athayde ali chegava, no seu passo cauteloso, assinava o livro de presença, atravessava a sala da secretaria, e ia sentar-se na poltrona da saleta da presidência, de modo que dali pudesse olhar, pela porta entreaberta, quem chegava e quem partia. Quase que podíamos dizer que, com ele, se repetia o que se passava com Kant, em Koenigsberg, no seu passeio cotidiano, a que alude Bourget, em **Le disciple**. Bastou que, um dia, o filósofo alterasse seu itinerário, para se saber que algo de estranho e novo acontecera no mundo". Nesse dia tinha eclodido a Revolução Francesa.

No Estado de São Paulo do mesmo dia registrava Miguel Real: "Quem negará que ele se identificou de tal modo com a Academia que, enquanto vivo, nos foi impossível recusar-lhe a presidência? Não o reelegemos 34 anos a fio por mero sentido de gratidão, por ter sabido construir, graças à sua fina argúcia de sertanejo de Caruaru, nosso grandioso patrimônio, mas sim, em dedicação. A Academia tornou-se o centro vital de sua vida, num raro fenômeno da transubstancialização. Institucionalizou-se confundiu-se com a entidade, nos problemas do dia-a-dia."

E já 20 anos antes, em 1973, numa simples passagem, dizia o mestre de nós todos, **Alceu Amoroso Lima**: "Sendo eu, por cerca de 20 anos e por mero acaso, o abridor dos cursos anuais da Academia, criados e mantidos pela inextinguível dedicação de Austregésilo de Athayde..."

Durante sua gestão toda a Academia cresceu. Sem se descurar dos aspectos moral e cultural, percebeu que o seu patrimônio não lhe assegurava definitivamente o futuro sem aflições nem dúvidas. Obteve de João Cleofas, em Campos, a doação do Solar da Baronesa. Lá pretendia instalar o Instituto Internacional de Cultura, com a maior Brasileira do mundo.

— alienar ou hipotecar frações do imóvel doado para a construção das edificações que lhe pertencerão no todo ou em parte, com a finalidade de obter recursos para a execução dos objetivos da doação; — locar parte das áreas a serem construídas com a mesma finalidade.

De posse definitiva e com amplos direitos sobre o terreno, a Academia Brasileira decidiu construir um prédio que viesse a ser o grande patrimônio da Cultura Brasileira. Desalojadas as seis organizações governamentais no antigo Pavilhão Britânico — o Dops, o Poder Judiciário, a 3ª Zona Eleitoral, a Subprocuradoria da República, a Faculdade de Letras e

Carvalho ser o autor do projeto econômico-jurídico para a construção do prédio. Seu colega de escritório, pôde **Alberto Venâncio Filho** acompanhar de perto a atividade de Athayde naquele momento, e diz: "Era realmente admirável o interesse, o empenho e a dedicação com que Austregésilo de Athayde voltava, a cada momento, para este trabalho. Eram constantes os telefonemas, os pequenos memorandos, as notas pedindo explicações sobre cláusulas contratuais, porque acima de tudo ele via o interesse da Academia, daí o seu empenho em dotar a Academia deste valioso patrimônio."

No relatório e fim de sua gestão como tesoureiro, no ano de 1995, o mesmo Acadêmico **Venâncio Filho** refere-se à "clarividência" de Athayde em providenciar outros recursos para o patrimônio da Academia, de vez que se fazia precária sua situação econômico-financeira a cada dia.

Requeri, então, no ano passado, que se desse o nome de Austregésilo de Athayde ao **Centro Cultural do Brasil**, pelo muito que ele havia feito pela instituição. Embora aceitando a moção da homenagem, por mim proposta, houve por bem o plenário, por unanimidade (incluído o meu voto), em dar o nome de **Palácio Austregésilo de Athayde** ao imponente prédio que ele conseguiu erguer ao lado do Centro Cultural, a fim de que se guarde para sempre o quanto a Academia ficou devendo ao seu grande benfeitor.

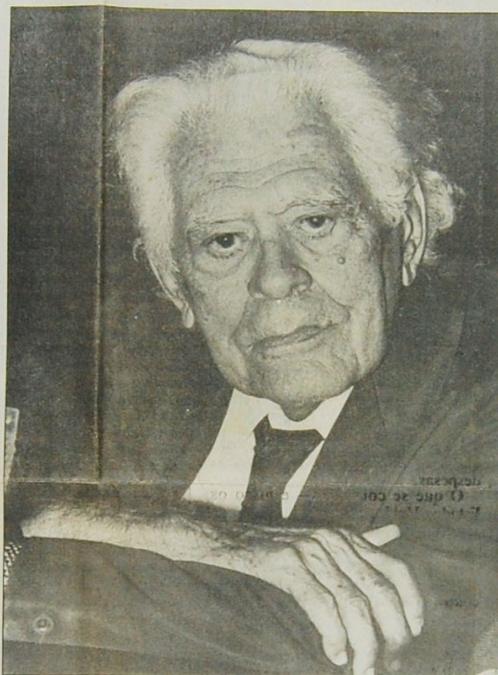
A ampliação do patrimônio da Academia na década de 70 constituiu um dos numerosos momentos gloriosos na vida de Athayde, somente superado, talvez, pelo papel que desempenhou na elaboração e na aprovação de Declaração Universal dos Direitos Humanos na III Assembleia Geral da Onu em Paris no ano de 1948. Na comissão, sob a chefia de René Cassin, mais tarde, Prêmio Nobel da Paz, trabalhou na elaboração do Documento, cabendo-lhe apresentá-lo ao plenário em memorável discurso. Cassin, ao receber o Prêmio Nobel, lamentoso não poder dividi-lo com o seu colega brasileiro. Muitas outras mensagens de elogios recebeu Austregésilo, vindas, por exemplo, de **Eleonor Roosevelt** e do presidente Truman.

Homem culto e erudito, com formação clássica, homem de pensamento e de ação, Athayde se multiplicava, estando em toda a parte ao mesmo tempo sem nunca faltar aos seus deveres. Viveu uma vida intensa, participou de inúmeros acontecimentos

sociais e literários brasileiros. Quando em 1921 Mário de Andrade leu **Paulicéia Desvairada**, aqui no Rio, na casa de Ronald de Carvalho, lá se encontrava Athayde entre "os jovens escritores", a que se refere Amoroso Lima nas suas **Memórias Improvisadas**. Sempre liberal e pela liberdade de expressão — não fosse, sobretudo, jornalista — tomou partido a favor de São Paulo, em 1932 e foi exilado.

Sempre fiel a si mesmo Athayde não mudou, dono de uma energia inextinguível. Presidiu à sessão da Academia a 26 de agosto de 1993, ardendo em febre, já com a pneumonia que o levaria à morte, a 13 de setembro. Dele se pode dizer que não teve decadência, apesar dos seus 95 anos incompletos. "O difícil na vida não é chegar a ser alguém, mas sim em continuar a sê-lo", disse em entrevista Roger Martin da Gard, autor de **Les Thibault**, já velho, retirado no sul da França. Austregésilo de Athayde venceu essa dificuldade: foi sempre o mesmo.

Evaristo de Moraes Filho é membro da Academia Brasileira de Letras



Utopia ou não, lutou sempre pela sua realização. Mais do que isso, obteve do Governo Federal o terreno contíguo à Academia e nele fez construir o majestoso prédio no qual foi instalado o Centro Cultural do Brasil.

Volto a transcrever todo o histórico desta última aquisição, por se encontrar constante do próprio **Anuário da Academia**, em vida de

Austregésilo e com tempo bastante de ser contestado por quem não concordasse com as suas afirmativas. E nunca o foi. Eilo:

"Em 1960, deixando o Rio de Janeiro de ser Capital do País, o presidente Juscelino Kubitschek, através do Decreto nº 728, de 28 de março de 1960, cedeu a título precário o edifício do antigo Tribunal de Recursos, para nele se instalar a Academia. Esse decreto foi revogado posteriormente pelo Governo de Jânio Quadros.

O presidente Castelo Branco, através do Decreto-lei nº 232, de 28 de fevereiro de 1967, doou à Academia Brasileira o imóvel situado na Av. Presidente Wilson, 231. O imóvel destinava-se à ampliação das atividades da Academia, tornando-se nula a doação se ao mesmo fosse dada utilização diversa da prevista por esse decreto.

Em 30 de setembro, foi apresentado ao Congresso Nacional o Projeto nº 2.309-70, complementando o Decreto-lei nº 232 e pleiteando direitos amplos à Academia sobre esse imóvel. Daí resultou a Lei nº 5.642, de 3 de dezembro de 1970, sancionada pelo presidente **Emílio Garrastazu Médica**, que assim se expressa:

A Academia Brasileira fica autorizada a:

— proceder-se à demolição do prédio. A seguir tratou a Academia da obtenção de recursos financeiros para uma nova construção. Esses foram postos à sua disposição pelo então presidente **Ernesto Geisel**, que interveio junto à Caixa Econômica Federal e tornou possível a totalidade da concessão de um empréstimo que permitira a realização da obra."

"A Academia Brasileira iniciou, então, a edificação do grandioso prédio, concebido pelo arquiteto

Maurício Roberto e executado pela Ecisa, após centenas de entrevistas, conversas de debates do presidente Austregésilo de Athayde e após a obtenção de empréstimo de 200 milhões de cruzeiros junto à Caixa Econômica Federal para a construção do prédio que veio a denominar-se **Centro Cultural do Brasil**."

Aqui cesso a citação literal do Anuário, pela qual se vê o papel singular desempenhado por Austregésilo. A 20 de julho de 1979, em sessão solene, presidida pelo presidente da República, foi inaugurado o Centro Cultural do Brasil. A 19 de julho de 1984, inaugurou-se o Auditório José de Alencar, projetado também por **Maurício Roberto**, com apenas 80 lugares, destinado a iniciativas de ordem cultural mais restritas.

Pelo contrato com a Ecisa todo o conjunto do grande prédio de 30 andares passará à propriedade plena da Academia, o que se dará a 20 de novembro de 1999. O empréstimo feito à Caixa Econômica já se encontra totalmente pago, nada mais sendo devido. Coube ao advogado **Antonio Fernando de Bulhões de**

Dono de uma energia inextinguível, ele não teve decadência, apesar dos 95 anos incompletos